

ervida.
a, mas
nto, o
s à ca-
a tra-
lo se o
ado lo-
mento.
e nem
des se
ente o
cidos»



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 408—Preço 1\$00
31 DE OUTUBRO DE 1959

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PRÓPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Acuso

Um dia destes tivemos aqui um grande tribunal. Perto de duas horas a desfiar... Réus..., mais de uma vintena.

É o caso que os domingos trazem por aí multidão de visitantes. Pobres, ricos, ou remediados — raros abalam sem deixar a sua esmola. Honra lhes seja! E graças, quanto a nós, que vivemos delas!

Porém, as esmolas tornam-se muita vez espada de dois gumes.

Funciona em todas as nossas casas a corporação dos cicerones. Só eles têm ordem e missão de receber donativos. Mas vêm os senhores e antes de darem com os cicerones pegam de conversar com qualquer outro... Esse é o companheiro-guia da visita — é natural. Até aqui, o menos! Quando, porém, chega a hora da despedida, que é a do donativo, o rapaz deveria não aceitar. Muitos não cumprem. Outros ainda esboçam resistência... Mas são os próprios visitantes que ateimam... e eles cedem.

É a tentação a vencer.

Resultado: Este dinheiro é incontrolável. Eles bem no sabem. A tentação, que já deu o primeiro passo, avança. Primeiro entregam parte do que lhe deram. Depois, acabam por não entregar nada. E somas volumosas são arrecadadas por aí e gastas em rodas de compadrio prejudicial.

Ora sucede que fora das nossas portas se sabe disto. Sa-be-se... e pior!: explora-se.

Foi esta mesmo a matéria do grande tribunal de há poucos dias: uma vizinha, que vende bugigangas, no adro da nossa parochial, convidava rapazes para sua casa. A figueira do quintal era o aperitivo posto à disposição. Depois, petiscos. Também fornecia canetas e lapiseiras e esferográficas e apitos, etc. etc., da sua venda ambulante.

Se acontecia um rapaz (dos seus compadres) estar castigado e não poder sair — isso não importava... Ela também fornece ao domicílio; e «a porta aberta» que nós somos não estorva a quem não tenha consciência.

Claro que não era pelos lindos olhos dos seus fregueses que ela fazia isto! Figos, petiscos, bugigangas — eram pagos e bem pagos. E ela tinha tanto a certeza de que lhe não ficariam a dever, que dava crédito: «Se não tens, pagas depois...» «Os senhores, depois, dão...»

Outra moeda: lenha. Por baixo do lixo que os pequenos das padielas juntavam no campo para queimar, iam cavacas que ela buscava mais tarde.

Ora o rapaz que rouba, não seria tão tentado se em volta não houvesse facilidades de gastar.

Nós somos «a porta aberta». É a grande novidade das Casas do Gaiato: Formar as consciências dos rapazes na liberdade. Às vezes, porém, parece que teremos de abandonar o sistema. Não que ele esteja errado. A experiência de vinte anos de trabalho é prova suficiente. Mas é a corrupção que nos cerca. Essa, sim, faz-nos pensar, às vezes, se não teremos de fechar a porta.

O caso desta vizinha não é singular. Se o fôsse...! Esta epígrafe apareceu mais vezes em «O Gaiato» pela pena veemente de Pai Américo. Eram as lojas, os tascos. As autoridades ouviram o clamor aflito e puseram travão. Em Paço de Sousa não podem abrir novos tascos. Mas, os que há, que são o triplo dos que havia quando a Casa do Gaiato se fundou? Se ao balcão não houver consciências, continua o cerco de corrupção. Os vendeiros bem sabem que o nosso rapaz que lá vai comprar petiscos ou bugigangas não é o dono legítimo do dinheiro que lhes entrega.

Os vendilhões, que já expulsámos do nosso portão, mas continuam a feirar petiscos e bugigangas e velas e recordações indecorosas de Pai Américo, bem sabem que é dinheiro roubado o que aceitam em troca das mercadorias que vendem, especulando, até, muita vez, com os mais pequenos e inocentes dos seus fregueses!

FACETAS DE UMA VIDA



bondade era um dos seus grandes dons. Sempre pronto a ajudar os necessitados, não se poupava a esforços por bem servir os outros que de qualquer auxílio precisassem, na medida que lhe fosse possível. Era um bom em toda a acepção da palavra.

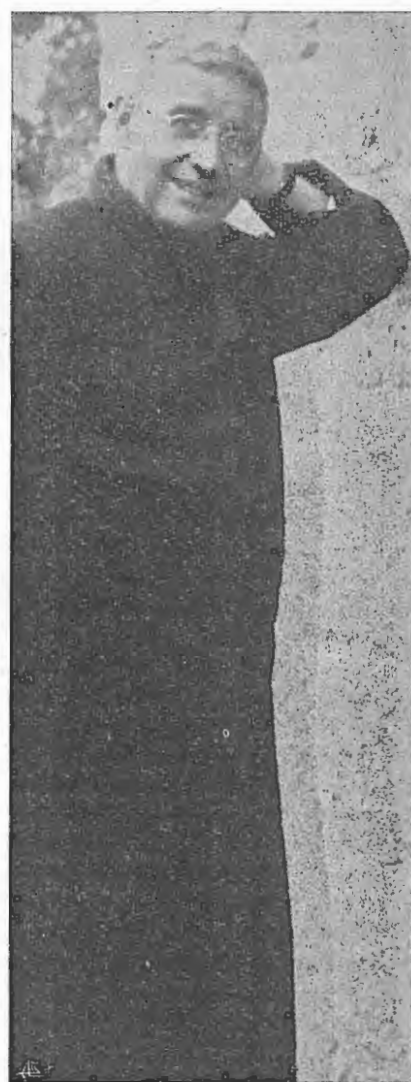
Sendo um espírito pacífico na sua maneira de ser, não era, porém, pessoa que admitisse falta de respeito por ele, ou actos que lhe mexessem com os nervos e o indignassem. Era decidido, quando julgava necessário meter na ordem os que dela se desviavam.

Dois exemplos a demonstrá-lo: de uma vez, por lhe ter dito qualquer coisa que não lhe agradou, não hesitou em levantar a mão e castigar uma pessoa, de quem era aliás muito amigo, mas que fisicamente era um terço do volume do Américo. O amigo apenas lhe disse, com ar magoado: «Então tu bates-me?» O Américo caiu em si e pediu desculpas, arrependido do que fizera. Continuaram amigos. Aquilo esqueceu.

De outra vez, incomodado pela assiduidade de um indivíduo em casa de um amigo — esse mesmo a quem ele batera, — durante as ausências deste, facto que começou a dar pasto à má língua da terra, atingindo a honestidade da esposa desse amigo, quando no fundo não havia nada de censurável no comportamento dessa senhora, não se conteve e avisou o amigo, aconselhando a evitar o prosseguimento de tais visitas na sua ausência, pondo termo aos mexericos que se alastravam. É de crer que o marido tivesse falado no assunto à mulher e esta tivesse logo posto o «visitante» a par do conselho do Américo, dado na melhor das intenções, com vista à defesa do bom nome do lar que era alvo de comentários. O homenzinho, desagradado e considerando talvez que do tal conselho e a ser seguido, resultaria o falhanço das suas intenções, porventura pouco honestas, resolveu desforrar-se. Assim, fez um dia espera ao Américo, em local isolado, armado de uma bengala, com que pretendeu agredi-lo, o que não chegou a levar a cabo, pois à primeira tentativa o Américo lh'a arrancou das mãos, com ela malhando o corpinho do enfatuado «D. Juan»... que se pôs em fuga deixando a bengala em poder do Américo.

Conhecido o incidente e o seu desfecho, cada um dos amigos de Lourenço Marques expediu-lhe um telegrama contendo um adjectivo espampanante, como «Estupendo, abraços», «Maravilhoso, abraços», etc.. Foi uma avalanche de telegramas, chegando-lhe às mãos com intervalo, até às tantas da noite. O Américo ficou envergonhado, encabulado e escreveu a um deles, para conhecimento de todos, protestando contra a brincadeira que havia dado brado no Chinde...

A propósito deste facto, que tanto regozijo causou a todos os encanecidos residentes em Lourenço Marques, estes decidiram logo, por paródia, criar a Ordem da Bengala, com o intuito único de nomear o Américo «Cavaleiro da Ordem», o que se fez, enviando-se-lhe para o Chinde o respectivo diploma de nomeação, samente por representantes da Ordem para o efeito nomeados... que lhe foi entregue cerimoniosamente por representantes da Ordem para o efeito nomeados... «O GAIATO» publicou em tempo o teor do diploma e deu pormenores acerca do mesmo pela



que lhe foi entregue cerimoniosamente por representantes da Ordem para o efeito nomeados... «O GAIATO» publicou em tempo o teor do diploma e deu pormenores acerca do mesmo pela

«Os Encanecidos»

Nota da Redacção: Porque muitos dos leitores não conhecem o texto do referido diploma, publicado em «O Gaiato» n.º 142 de 6/8/49, aqui o reproduzimos:

Alvará

Sabem quantos este nosso alvará virem, que:

Tendo chegado ao nosso conhecimento o soberbo gesto de dignidade praticado pelo cidadão

minhoto Américo Monteiro de Aguiar, residente na vila do Chinde, distrito de Quelimane (Zambézia), em desforço de um agravo pública e injustamente sofrido;

Considerando que actos de uma tal natureza, quando, como este, praticados sob o impulso de uma irresistível sede de justiça e desafronta são dignos de louvor e admiração;

Considerando ainda que tais actos dão, incontestavelmente, continua na página quatro



CALVARIO

Outras notícias

IM, outras notícias, bem diferentes das que enchem os periódicos de grande informação!

É o sabor singular de «O Gaiato». Mesmo as notícias tristes do sofrimento, tantas vezes imerecido, dos nossos irmãos, podem fazer chorar, mas não deixam lugar ao desespero. Elas trazem sempre o complemento directo de Redenção que há em toda a dor aceite por amor. E os Pobres dão-nos tantas lições de conformação e de alegria, tantas lições de

Esperança!

Pois estes dias têm trazido os jornais aventuras tristes de meninos turbulentos. Uns sem vergonha de caricatura, ridículos, de trazer por casa, em cópia de figurino cinematográfico. Eles copiam o que vêem. Copiam o que a sociedade consente e lhes oferece para ver! Parece que, logicamente, as gerações adultas são mais culpadas nas causas do que eles nos feitos!

Esta nota tem-na sublinhado bastante toda a imprensa.

Mas a verdade é que a juven-

tude anda inquieta e irrequieta. Não lhe mostram certezas. Vacilação no pensamento e no agir é o espectáculo mais frequente que lhes é dado. Tem razão para estar inquieta. E não é estranho que esteja irrequieta.

Porém, nem toda a juventude está assim. Há grandes zonas dela não contagiadas, graças ao Senhor.

E é aqui, nestas notícias que dizem construtivismo e esperança e que as agências nos não fornecem, mas as almas sim—é aqui que reside o singular sabor, sempre renovado, por mais que repetido, de «O Gaiato».

Oiçam esta carta:

«O Gaiato» tem-me feito pensar!... Todas as quinzenas o espero com ansiedade. Leio-o e medito-o.

Há meses na época de exames prometi o que cumpro hoje.

Peço-vos Padre que nas vossas conversas com o Senhor Lhe faleis nas raparigas universitárias.

Uma estudante do Porto. Uma rapariga inquieta, salutarmente inquieta, por si e pelas

continua na página quatro

Aparece aqui outra filha com a «Casa À minha Mãe» e 300\$ «referentes a Junho, Julho e Agosto» e a esperança de que Deus a continue a ajudar «para eu poder mandar sempre os 100\$ todos os meses». A «Casa Ana e João» levou um aumento de 740\$. Mais a importância do mês de Agosto destinada à «Casa dos Novos Avós». A «Casa Nossa Senhora da Boa Hora» subiu 300\$; o «Casal Maria José», 500\$. E o casal assinante n.º 28.562 com a 10.ª e 11.ª prestações relativas a Julho e Agosto.

E outra casa que começa, prolongando a grande Família, sobre os laços de sangue de cada qual: a «do Ti Joaquim». Ora oiçam, para terminarmos com o mesmo pensamento com que principiamos:

«Estou envidando todos os esforços para todos os meses, enviar uma «pedrinha», que será, forçosamente, mais pequena que a de agora pois esta foi deduzida da prenda de aniversário do meu marido aliás, na mesma, a ele oferecida e que tanto ele apreciou! Talvez que o meu marido me ajude na construção e assim será mais rápido. Não gosto de obras de Santa Engrácia... as tais que nunca se lhe vê o fim. Mas, parece-me que na Obra da Rua também quando se quer colaborar será difícil chegar ao fim pois os problemas são cada vez mais numerosos».

O

nosso tempo de feições tão acentuadamente materialistas, perdeu o sentido dos valores autênticos. Atribui-se merecimento ao que em si mesmo nada vale, e deprime-se o que realmente é factor de valia.

É o caso do sofrimento. Paira clima forte de libertação a tudo quanto possa ser penoso. Os processos da moderna clínica orientam-se mesmo para a analgia geral, para a extrema facilidade na luta contra a dor. Um incómodo de dentes é logo atenuado com meiguice, uma dor de cabeça de igual sorte se vence. Ninguém, por conseguinte, vogando na onda comum do fácil, quer de modo algum penar. Seria anacrónico no consenso geral. Neste sentido parecerá até abencerragem o bilhete-

nho que nos chegou em companhia amiga dum donativo: «um pequeno sacrifício que se transformou em grande alegria». Mas afinal, nada mais actual do que esta mesma verdade. Enquanto que todos procuram afanosamente a felicidade terrena no gozo sem entaves, na abundância sem limites, estas palavras singelas são desmentido ao mundo. É do sacrifício, na verdade, que se colhe a alegria. Ainda que pequeno esta será grande.

O homem criado para amar encontra a prova mais pura do amor no sacrifício. Este é a exigência e a medida do amor. O gozo íntimo e a alegria plena são a consequência natural e o prémio.

Porém à luz da fé o sacrifício, sofrimento ofertado, transcendendo ainda mais. É fonte de resgate e de mérito. Por isso, ele é suspirado pelo cristão.

Em casa repleta de doentes como a nossa, doentes em declínio certo, sem esperança humana de arribar, o sofrimento é pão certo de todos os dias e instantes. Ora, nós pretendemos que dele jorre alegria íntima abundante, e o merecimento imorredouro. De modo algum queremos que os doentes encarem a dor como mal. Antes, o bem maior que o Senhor nos pode dar. É de ter pena, sim dos que não sofrem! E nós sentimo-la. A fé tem grande poder transformador. O que todos desprezam, o que todos temem é amado carinhosamente do cristão. A fé dá o verdadeiro sentido à dor. Consagra-a. Eleva-a. E nós por ela nos elevamos. Nunca ela poderá aniquilar o cristão. Sômente na aparência. Tal é a perspectiva verdadeira do sofrimento à luz sobrenatural que o Senhor nos empresta. Graças lhe sejam dadas.

Insistimos muito com os doentes para que amem o sofrimento que tanto os dignifica e exalta. Não é inútil a estadia de cada um no leito. Que rampa longa estão a subir!

Tenho-lhes repetido que invejo os sofrimentos deles. Não por mera compaixão, mas realmente, enquanto sei bem as alturas a que sobem sofrendo.

Invejo, sim. Quando os vejo partir (e já são vários) sinto-o muito mais ainda.

Quem dera que todos compreendessem a grandeza da dor, o peso da dor, na balança dos nossos merecimentos! Na ordem material, no pensar do mundo, ela continuará sendo diminuição. No Calvário, porém, pretendemos que seja penhor seguro e compensador de vida eterna!

Padre Baptista

A * G * O * R * A

S

ÃO cada vez menos os que aparecem transeuntes nesta Procissão. Nota-se no homem uma fome de constância, de estabilidade. Desde que Deus lembrou a alguém, a Campanha dos 30.000×20\$00=50 casas é para ela que converge a maioria dos que vêm por aí sem regra de periodicidade.

Os outros surgem como necessitados de convivência em caridade. E nós habituámo-nos a ela com tanto gosto que esperamos, mês após mês, este encontro com nomes, com letras cada vez mais conhecidas, com as suas mensagens cada vez mais reveladoras das riquezas com que Deus adorna as almas dos que Lhe são fieis.

O homem não nasce em bondade natural e fácil; mas conserva sempre a nostalgia daquele estado original em que foi criado o o primeiro deles. E Deus serve-se de pequeninas faíscas para desencadear as explosões latentes no coração humano.

O Famoso, as suas campanhas, têm sido destas faíscas. E os incêndios que elas provocam são fogueiras em torno das quais os homens se sentem membros da grande Família humana, e se sentem bem; e sentem o desejo de ali se conservar. Daí a riqueza das casas feitas às migalhinhas; dos «planos decenais»!... Esta a explicação do mistério dos que se propuseram uma casa e uma vez feita, tornaram a voltar por outra; e quando esta fôr... o hábito da Caridade será invencível...

Ora demos começo, justamente pela pequena corporação dos transeuntes: «Triste Portuense» com 50\$; Montemor-o-Novo com 190\$; 50\$ em carta para o Júlio; o dobro de «uma pecadora», da Parede; ali pertinho duas empregadas do Hotel Estoril Palácio, com 20\$; 100\$ de J. V. G. B. e metade de Peniche.

Segue a corporação dos trabalhadores. «Candidinha e seu Pessoal» terminaram a sua casa com a 27.ª prestação: 1.210\$. Eu ia a escrever: a sua primeira casa; pois não dispensamos a continuação da presença destes Amigos depois de 27 visitas de amizade. Não importa o com quanto se há-de vir. Importante é vir. Pessoal do Grémio da Panificação, com 195\$ por Agosto e 197\$50 por Setembro.

O Pessoal da HICA este mês apanhou falta.

Mais pequenina ainda é a representação dos das casas por inteiro:

«Uns pais reconhecidos» agradecem o restabelecimento da saúde do filho com a «Casa Rui Pedro». Uma Família velha conhecida depois de ter dado um terreno de 55×22,5 m, tão bom que os fariseus se escandalizaram e foram com propostas de negócios, entregam 30 contos para duas casas na sua freguesia. Feliz freguesia que tais filhos tem! Mas ai delas, se o espírito destes não triunfar por sobre o dos fariseus!

Outro grupo; outro título: Casas para que concorrem vários.

«O Grupo Espiritualista Paz e Amor», com os primeiros 6.000 da dúzia que se comprometeu reunir em 7 de Abril de 1956. Tudo gente que vive do seu trabalho. Mais valor. Mais sabor: migalhas!

Outrotanto se promete pela pena de um Amigo de Angónia — Tete, importância com que «Pessoas caridosas e almas bem formadas se lembraram de abrir um peditário para o Património». Ainda não chegou, mas não deve tardar!

Mais 240\$ «vindos de várias pessoas que contribuíram para a Casa do Colégio Moderno».

Para a Casa dos Professores Primários, 20\$ de N. e 100\$ com este desabafo: «Sinto tanta consolação em dar que não resisto à tentação de vo-lo comunicar».

Cem e trinta para a Casa de

Nossa Senhora do Carmo; cem para a Casa de Nossa Senhora de Lourdes de «uma alma que crê e confia em Deus», mais duas migalhinhas somando 12\$.

E mais uma primeira pedra; para cuja sequência se pede a colaboração das «Raparigas de Portugal». É a «Casa Rainha das Virgens», começada hoje com 150\$.

E os de sempre: «Do Funchal» — 100\$, o dobro, «correspondente às minhas cotas de Julho e Agosto» e o agradecimento de «um leitor de «O Gaiato».

«O do plano decenal» não falta um só mês que seja. Tampouco o que poupa 20\$ ao tabaco. Helena — Agosto + Setembro = 400\$. O Vitorino, do Porto, que já há três meses não aparece.

Cem de Lucília D. («Pouco é aquilo que mando, se tanto tenho recebido de N. Senhor...»). O mesmo de M. I. «respeitante aos meses de Julho a Outubro» e de alguém que pede uma graça há 20 anos, sem a obter e «portanto confio e espero». O Mistério da Fé!

O assinante 6.790 teve um aumento de ordenado e uma vez multiplica por 5, outra por 10 a costumada «renda».

Fecham os das casas a prestações: Maria Luísa perfaz 3.700\$. «Maria e Manuel» com Agosto e Setembro. A «Casa Avó Ema» fica na 21.ª pedra. «Regina e duas filhas» mais 100\$. «Visitação» mais três prestações de mil. Em Janeiro próximo começa o 3.º mistério do Rosário: «Nascimento do Menino Jesus em Belém».

A «Casa A Nosso Filho» já pode ser devidamente corrigida para «A Nossa Filha». Faltam 4.000\$ para chegar ao fim. Felizes os filhos de tais pais!

A 2.ª prestação da Casa de Santa Filomena (da Beira). «Mariazinha e Artur», mais 50\$. A «Casa das Minhas Filhas» fica em 10 contos com os mil agora entregues na esperada visita anual. A «Casa da Minha Mãe» fica em metade. Mas, alto lá!



Foi no domingo seguinte ao dia de Natal que eu resolvi dar com as pequenas o primeiro passeio pela cidade.

Ora para conseguir ageitar as quatro primeiras de modo a poderem circular pela cidade sem dar nas vistas foi um caso sério. Elas ainda traziam algumas roupinhas, dadas das pessoas por intermédio das quais puderam chegar até «Belém». Mas não tinham afeições à sua medida e eu também ainda não tivera tempo para o fazer. A Deolinda, que viera duma das barracas dos Olivais, em Moscovide, trazia um vestido de seda brilhante, azul forte, que lhe chegava aos pés e uns sapatos brancos, demasiado compridos. Parecia uma ciganita, com os cabelos atados em rabo de cavalo. Com umas trocas entre as quatro, a coisa ainda se arranjou, mas o pior é que cada uma se agarrava sofregamente ao que era seu, olhando-se umas às outras com desconfiança. A Madalena, de Coimbra, era a melhor fornecida pois trazia, além dum vestido de lã e casaco comprido, várias outras peças. Mas defendia tudo com unhas e dentes e até escondia a roupa debaixo dos colchões da cama, com medo que lha roubassem.

Enfim, depois de lhes lançar na alma as primeiras sementes de amor fraterno e as levar aos

Belém

primeiros ensaios de combate ao egoísmo, lá foi possível conseguir umas trocas e uns empréstimos sem grande perigo de discussões, zangas e amuos.

O passeio teve algumas complicações, em consequência de elas estarem habituadas a constantes correrias e converteu-se em lição difícil de dar porque em público, mas de grande utilidade prática.

Vínhamos nós já de regresso, ao cimo da rua de Serpa Pinto, quando a Madalena lança um olhar turvo à Deolinda, que ia vestida com roupa sua, atira-se-lhe ao pescoço e resolve, sem mais delongas, despi-la, ali mesmo, de tudo o que lhe pertence. Foi um caso sério, pelo lugar e pela fúria com que a Madalena atacou a companheira. Para neutralizar tão violenta reacção o que valeu foi o remédio pronto e enérgico dos cinco mandamentos da minha mão direita, que sei tornar pesada quando é preciso. E lá seguimos a caminho de casa, a Madalena calada e

cabisbaixa, antes que os transeuntes desocupados, sempre à cata de novidade que os distraia, fizessem círculo à nossa volta, presenciando o espectáculo inédito.

A Madalena e a Leonilde haviam trazido de Coimbra esta jaculatória de origem certamente popular e que eu nunca tinha ouvido: «Senhora da Conceição dai-nos sol e chuva não». Durante os dias frios e chuvosos de inverno, muitas vezes fui encontrar as quatro espreitando da varanda envidraçada o largo terreiro e arvoredo da cerca, fustigados pela chuva e pelo vento, quais pássaros engaiolados, ansiosos por que chegue a hora da libertação. E repetiam ininterruptamente: «Senhora da Conceição

dai-nos sol e chuva não... Senhora da...». Tal desacerto não podia continuar e tive de lhes dar umas lições sobre a necessidade da chuva, do vento, do frio, da neve. Sobre a obrigação que temos de não olhar só para os nossos interesses neste caso, para elas, o poderem brincar livremente na cerca — mas também aos do nosso próximo. Que, vistas bem as coisas, se desejarmos e procurarmos para os outros a realização dos seus legítimos interesses, viremos também a lucrar com isso, num futuro mais ou menos próximo.

Os meses foram passando e as belenitas, então já em maior número, aproveitaram largamente os lindos dias da Primavera e do Verão. Ora no princípio da

época das colheitas, andavam as pequenas muito entretidas na brincadeira, indiferentes ao calor abafado que fazia quando começaram a avolumar-se no céu nuvens negras e espessas. Ia desencadear-se uma forte trovoadas.

Os caseiros da Senhora da nossa quinta, que haviam malhado a erva da semente, e a tinham estendido na eira, correram a recolhê-la mas era preciso andar depressa, que as nuvens abaixavam-se ameaçadoras, quais rolos de fumo e os trovões já ribombavam ao longe.

A nossa Madalena, vendo a sua aflicção, pegou numa vassourita e correu a ajudá-los. Então eu chamei as mais velhas, que vieram com as vassouras que havia na casa e todas começaram a fazer saltar rapidamente as sementes na sua frente. Foi então que, no meio do silêncio geral se ergueu a voz solícita da Madalena, fazendo ressuscitar a velha jaculatória que há tanto tempo havia sido posta de parte e substituída pelas orações aprendidas na catequese: «Senhora da Conceição, dai-nos sol e chuva não, Senhora da Conceição...». E não mais parou de rezar, até que o último cesto de erva foi recolhido no alpendre.

Discuta quem quiser o valor de tal jaculatória! O que vos digo, leitores, é que, rezada pela Madalena naquela hora e por aquele motivo, deve ter agradado grandemente à Mãe do Céu. Que a Madalena tem feito grandes progressos na luta contra o seu egoísmo, desde o dia em que quisera despir a Deolinda em plena rua. Tanto que, ficando as sementes salvas de perigo e deixando a Madalena de rezar, logo grossas gotas de água vieram encharcar o chão da eira!

Inês — Belém — Viseu



As «belenitas» constroem o prédio da felicidade e nele abrigam também os leitores e amigos!

Vamos

falar hoje de uma das grandes dificuldades deste movimento: a aprovação pela Urbanização. Os serviços da Urbanização tornaram-se necessários. Cada um não poderá já mais construir como quer e onde quer. Essa época passou. Hoje — e amanhã mais ainda do que hoje — há a regulamentação superior. É a época que passa. O indivíduo tem que ser limitado na sua liberdade a bem do comum. Essa regulamentação tem, no entanto, de ser muito humana, muito justa e muito adaptável. De contrário, é muito pior a emenda que o soneto. Não

podemos cortar os pés para não haver calos a não ser num caso de absoluta excepção. Mas a excepção não poderá converter-se em regra. Quando fôr absolutamente evidente que as casas não se podem construir como e onde a auto-construção deseja, não se deixem construir, mas só nesse caso. A iniciativa particular deve ser facilitada, estimulada e defendida. Vamos à prática.

Numa terra é constituída uma equipe de trabalhadores pobres para, em regime de auto-construção, fazerem as suas próprias casas. Como serão essas casas e onde serão construídas? As habitações devem poder servir para famílias normais e não apenas para lares sem filhos ou com o filho único. Acreditamos cada vez mais

Auto Construção

que os filhos únicos, como regra, nunca terão o valor humano daqueles que têm irmãs e irmãos. Casas para famílias normais. Como se trata não de uma casa mas dum grupo de dez, doze ou mais casas, é preciso um terreno de razoáveis dimensões, visto ser necessário algum espaço à volta de cada bloco. Como acontece? Esse terreno é oferecido; na pior das condições será comprado. Pode acontecer que venham os serviços da Urbanização e digam: Aqui não pode ser. Pode haver casos em que poderá ser ou não poderá ser conforme houver razões mais ou menos evidentes. Certo. Mas também critério de quem resolve. Nestas circunstâncias a auto-construção deve ser facilitada. O contrário será um crime social. Aqui não pode ser. E onde poderá ser? E esse lugar será cedido? Será vendido? Trata-se de auto-construtores, pessoas particulares que não têm o poder de expropriar, como as entidades oficiais. E ainda bem que não têm esse poder. Ainda bem. Muitas vezes a não aprovação dum local será o golpe de misericórdia na iniciativa. As leis — e aqui muitas vezes não são leis mas apenas maneiras muito particulares de ver — devem ser aplicadas com critério humano. Para além da régua e do compasso a vida. E é preciso que quem quer trabalhar desta maneira tão humana, tão social e tão cristã seja compreendido e estimulado.

Quem assim quer construir a sua casa está a trabalhar também para a comunidade, pelo exemplo que dá e pela riqueza que produz.

Padre Fonseca

Conferência da Nossa Aldeia

Um dos problemas que mais faz puxar pelos cordões à bolsa da nossa Conferência é, sem dúvida, o que se refere à assistência medicamentosa a doentes pobres que visitamos e também a outros que trabalham, vivem da sua jornada, mas, de repente, surgindo-lhe uma doença, se não é a Conferência como podem e quem lhes dá remédios?

Ainda há poucos dias apareceu aqui uma rapariga nova, ar triste, implorando o fornecimento de determinados remédios para sua filha moribunda. Os dias passam e ela torna, não por remédios, mas por leite condensado. Como pode esta gente, que mal ganha para comer, dispor para um caso destes?! Ora não deitásemos mão e que seria? Mais uma criança sem vida.

É grave o problema da assistência ao povo rural. O que apalparamos por aqui vive-se por aí fora e quão dolorosamente!

Que Deus abra o coração

dos homens para que façam diminuir o sofrimento da gente simples dos nossos campos. Tudo quanto se fizer neste sentido é abençoado por Deus, porque é uma necessidade imprescindível à saúde da raça e ao progresso da nossa querida Pátria.

S. O. S.: Estamos muito mal de dinheiro! Esta quinzena recebemos, apenas, 2 donativos: 450\$00 de Bertina Coelho e 30\$00 da assinante 17.740. Nós temos fé que este «desinteresse» não há-de levar muito tempo a sanar. Nós temos fé no coração de quem nos lê. Abram-no de par em par e vamos, assim, continuar a remediar a insuficiência de recursos dos nossos Pobres. Esperamos, na volta, resposta. Em vales, cheques, cartas registadas. E vai, daqui, antecipadamente, o muito obrigado de todos nós.

Júlio Mendes

LAR DE LISBOA

Sr. Padre Carlos: Desculpe de lhe não ter escrito há mais tempo, pois só nos vimos pela última vez quando me aplicou o castigo.

Pois venho só precisamente chamar-lhe a atenção de que eu não me esqueço de quem me faz bem.

Mando também juntamente a crónica do Lar para o nosso jornal, penso que não estará pior que as outras.

Não é por mal mas devo lembrá-lo de que quando cá vier para vir prevenido com dinheiro, pois até ao fim deste mês está em débito de 50\$00.

Não tenho mais nada a dizer por hoje. Queria que desse cumprimentos meus em geral a toda a malta.

DESPORTOS E VÁRIAS ANOTAÇÕES DO LAR DE LISBOA;

Amáveis leitores:

Nas mais próximas passadas semanas alguns rapazes do Lar de Lisboa treinaram na equipa do Tojal, como por exemplo no dia 5, dia da República, treinamos, mas tal foi o azar que brevemente começou a chover e o nosso treino foi um pouco curto. Começamos por dar umas voltazinhas ao campo, seguidas por um período de ginástica e depois o dito desafio-treino, que acabou pouco depois de 30 minutos devido ao dito mau tempo e com uma das saídas da bola para fora de campo, que se demorou um pouco mais do que devia.

NOVOS ELEMENTOS? Rezam por aí que alguns rapazes do Tojal vêm para o Lar, alguns vêm estudar mas nós aproveitamos a ocasião, não sei a certeza, Deus queira que sim. O nosso clube continua em apuros.

Agostinho Coelho (Lampreia)



Também eu tive «férias forçadas», em busca da saúde. De regresso, encontrei sobre a mesa de trabalho duas cartas subscritas por Senhoras e outras tantas por Criadas, dialogando sobre o que escrevi no n.º 403 do Famoso. Bem sabem os leitores só me cumpre tentar resolver os problemas de Ordins, todavia, às vezes, a pena foge-me para outros assuntos, quando o caso o pede. Foi o que sucedeu a propósito da falta de criadas. De novo, volto, trazido pela mão

Férias forçadas em Ordins

duma Senhora, cuja carta segue, em excertos, com a respectiva resposta.

1) «Como fosse pelas criadas, aconselho-o para ter melhor conhecimento do assunto, a vir assistir numa agência em Lisboa ao interrogatório vexante que as mesmas sujeitam os candidatos a patrões». E aquela agência de

criadas, na mesma cidade, que não era mais que uma armadilha, lançada à inocência das vítimas que lá caíam, em busca de trabalho? Negócio miserável.

2) «Todas as raparigas do norte, porque do centro para baixo nem uma só rapariga quer servir, curtem a fome em casa e pavoneiam, na rua e bailes, luxos imbecis — até a roupa interior é de nylon — amontoando dívidas familiares de contos na padaria e mercearia».

Não me consta que assim seja: «todas as raparigas do norte...».

3) «Acho que as suas acusações às patroas têm seu fundo de verdade, pois não era possível chegar a este ponto doutra maneira, mas agora não há nada a fazer».

Há até muito a refazer. A nossa família está em declínio.

4) «Nenhuma rapariga consente na modéstia, pois não resiste à troca das outras e, pior, desprezo dos rapazes que só escolhem as mais espampanantes. Claro que eles não valem nada, mas como todas querem casar e não há outros...».

Graças a Deus, há criadas verdadeiramente modelares no seu vestir cheio de modéstia! Quem não o conhece? Sim, também há outras, falhas de dignidade, de respeito por si mesmas e pelo seu próximo. Não são estas, porém, em regra, as preferidas para o grande Sacramento do Matrimónio, passo tão importante na vida. Mas quem ignora que as Senhoras estão a dar um péssimo exemplo na maneira como aparecem em público? Como não hão-de as criadas contagiarem-se? São culpados os pais que tudo permitem às filhas e os maridos que deixam as esposas seguir todos os caprichos da Moda, embora imoral. Depois há infidelidades, pudera! Andam os costumes tão dessorados!

5) «Não tem razão em dizer que é mau conselho a compra do ouro».

Acho que sim, pois se desvaloriza, e muito. As Criadas de Santa Zita são, além do mais, uma associação de previdência. Pensa no seu futuro. Esta obra social, em prol das criadas, constitui uma epopeia que vale a pena conhecer. Dizer, como vem na carta, que «as tentativas existentes Santa Zita e Irmãs espanholas de Lisboa não resolvem nada, primeiramente porque não dispõem de candidatas» é significar que qualquer obra não tem razão de ser, desde que não resolva todos os casos para que abriu a porta... A «Obra de Previdência e Formação das Criadas de Santa Zita» não é uma fábrica de criadas, com a missão de destinar uma para cada lar.

6) «Como se pode exigir filhos às mulheres, se não dispõem de auxiliares para o arranjo, limpeza e alimentação dos mesmos? Estou certa que é uma das razões por que no estrangeiro não querem filhos».

Trata-se duma acusação grave. Serão culpados da limitação de natalidade nos lares ricos os pobres que não mandam para lá suas filhas servir? As mães pobres têm os filhos que o Senhor lhes deu e não tiveram criadas «para arranjo, limpeza e alimentação dos mesmos»? Quantas não têm de partir para os campos ou fábricas e deixar em casa os filhos, entregues à filha mais velha... ou na rua! Uma lei natural para as Pobres... e outra para as Ricas?

Em resposta também a esta acusação, segue aqui a carta da outra Senhora:

«É pena que haja férias forçadas em Ordins, pois a solução das indústrias locais seria muito mais humana do que a das criadas, um tanto egoísta e desactualizada. Onde estão ou quantas são as criadas na Suécia ou mesmo na Inglaterra? Porque é que aqui as «Senhoras» teimam em jogar a canasta e ter outras actividades igualmente inúteis (para não dizer prejudiciais...) em vez de tratar de sua casa? Geralmente não são as que trabalham fora do lar as que consideram tão grave o problema das criadas, mas sim as que nada fazem nem mesmo em casa, pois são estas as que mais exigem e as que menos apreciam, o trabalho dos outros».

«O Reino dos Céus — disse Jesus — sofre violência e só os violentos é que o arrebatam». Ser Mãe e esposa exige sacrifícios, e grandes. Se não há lares numerosos, não é pela falta de criadas, mas pelos esposos terem as consciências adormecidas e cultivarem, em todos os tempos e modos, o egoísmo.

7) «Sobre a ida das raparigas para os estudos há de facto grande exagero (até as filhas dos indigentes estudam), mas se não estiverem armadas de diplomas não poderão empregar-se e não podem ficar à espera que um pretendente as venha buscar à

cozinha, quando ele tem tantas à mão de semear à sua beira». Então às filhas dos indigentes não assiste também o direito de subir na escala social? Sempre indigentes? Hoje, sim, muita rapariga estuda, na mira do diploma. Muitos lugares ocuparão mais tarde, em prejuízo das famílias. A mulher procura competir quase em tudo com o homem. Quantos chefes-de-família queriam um lugar para poderem alimentar os seus, mas esse lugar é ocupado por uma Senhora que devia, antes, estar em casa. A mulher é a rainha do lar. Era, pois hoje pretende sê-lo das praças e avenidas. A mulher a cuidar, com amor, do lar e dos filhos. O marido a ganhar o pão para a família. Eis como deviam ser as coisas. Eis como não são. Daí... a necessidade de tantas criadas.

Finalizo estas considerações com uma carta duma Criada:

«Junto envio 20\$00 para a necessidade mais urgente das raparigas de Ordins e que Deus ajude o Senhor Padre a dar a arte de tecedeira e trabalho para todas as futuras mulheres dessa terra, e tenho pena que não se possa fazer isso por todas as aldeias, para que se pudessem conservar todas as raparigas junto das suas famílias. As criadas que há por todo o Portugal já chegam para desgraça e miséria. Sou criada, desde os 12 anos, e estou com 60 feitos, e sei o que tenho lutado (...) Deus ajude o Senhor Padre a defender sempre as raparigas.

Uma humilde criada».

E mais nada por hoje, senão que os chales estão ao dispor de todas as Senhoras que temam o rigor do inverno. É bom ir marcando lugar.

Padre Aires



OS números e contas também fazem parte da nossa vida.

No mês de Julho fomos cento e trinta bocas a comer e a gastar. Foram nossos hóspedes, nas colónias de férias da Senhora da Piedade, quarenta garotos das ruas de Coimbra.

De Coimbra acudiram-nos: cem em carta; cinquenta levados ao Lar; dez na Sé Nova; trezentos das duas amiguinhas; quatrocentos no Lar; cem e mais vinte de pessoas que presenciaram a partida dos miúdos na Estação Nova; cem de um sacerdote; vinte em Santa Cruz; um embrulho no Castelo; cinquenta em carta levada ao Lar; e o mesmo de igual modo.

Cem de Lisboa por alma do noivo querido; cinquenta do N.º 17.779; 25 de Castelo Branco e vinte de Coimbra para o Calvário, entregues aos vendedores; cem de Miranda em acção de graças a Pai Américo; cinquenta e vinte de dois senhores que passaram; cem de Vila Verde em memória de Pai Américo e de um Amigo que partiu 18 dias antes; 220 na caixa da Pensão Alegre do Luso; cem da Pampilhosa da Serra para a campanha; mantimentos da Caritas Portuguesa para as nossas colónias de férias.

Em Agosto, como de costume, fomos pelas praias e termas receber a comparticipação para os pobres que não têm férias: de Monte Real trouxemos 2.200\$; do Luso quatro contos; de S. Pedro Muel o mesmo que de Monte Real; de S. Martinho do Porto quase nove e meio; de Santa Catarina da Figueira três e cem.

Fomos à vila alentejana de Barrancos e encheram-nos de mimos e trouxemos dois contos, mais 500\$, mais 500\$, mais trezentos, assinaturas pagas, presunto, grão de bico e muitas roupas. Parece que nunca ninguém nos tratou tão bem.

De Coimbra: quinhentos para azeite a um vendedor; cinquenta de vencimentos; o mesmo à porta de Santa Cruz; cem no Lar, por uma graça de Pai Américo; cinquenta no Castelo a pedir uma Missa; sapatos para o nosso pequenino; 250 duma colónia de férias.

Duzentos do Tribunal da Lousã; cinquenta em carta, de S. Martinho. Era da pensão onde tomámos o café e a Senhora, quando soube que pagámos, veio pedir-nos desculpa e pagar o juro. Que consoladora esta acção de delicadeza! Cinco contos de um Amigo de Olalhas, residente em África; 420 de visitantes de Gavião; mais 53 e 7\$50 e mais 50 de visitantes.

No mês de Setembro, em grupos pequenos e de poucos dias, estivemos todos na Praia de Mira. Enquanto toda a gente vai para a praia e tem de gastar, nós somos ao contrário; vamos receber. Foi uma alegria:

Pão, vinho e fruta de amigos; um Senhor de Lisboa foi lá levar-nos oito contos e meio; um pequenino no fim da Missa de domingo foi entregar quinhentos, muito escondidinhos; dez junto à rede; 5 na capela; cinquenta, mais vinte, mais 12\$50 no fim da Missa; 20+50+50 para os pobres; pão duma padaria; quatro garrafas de vinho e um pneu de Cantanhede; quatro pneus e 500\$ de Murtede; vinho, fruta, feijão, batatas e milho dos Leitões; cem, mais cem, mais cem, mais cem, de Mira; hortaliça; vários sacos de batata; e todo o peixinho fresco que nos foi preciso. Vivam os meus conterrâneos!

Vinte de visitantes; um envelope no Castelo a pedir 2 Missas; uma cobertura para o Cândido e Ana; selos no correio de Miranda; vinte de visitantes; o subsídio anual da Câmara de Coimbra; duzentos levados ao Lar; vinte em C. Branco para a campanha; pão ao vendedor em Tomar; cem e vinte para os Pobres a pedir intenções de Missa; vinte de quem nos veio prestar serviço.

Seja em tudo louvado o Senhor.

Padre Horácio

Facetas de uma vida

continuação da página um

aos seus autores, um apreciativo valor moral e arrancam-no, em consequência, da banalidade, impondo-os ao Universo como personalidade marcante na sociedade mundial;

Considerando mais que, além do benefício moral obtido, o gesto citado melhorou sensivelmente os haveres do gostante pela penafidéllica conquista de uma bengala, que terá, porque assim o queremos, a devida consagração histórica;

Considerando as belas qualidades morais que concorrem na pessoa do referido cidadão Américo Monteiro de Aguiar, abstractando os defeitos que, para o efeito se não contam;

Considerando mais coisas que se não dizem para não ferir a modéstia do supracitado cidadão;

Havemos por bem — porque nos apraz e assim o queremos e resolvemos — nomear o cidadão Américo Monteiro de Aguiar, Cavaleiro da Mui Nobre Ordem da Bengala condecorando-o com a Gran Cruz de Cortiça, insignia privativa da referida ordem.

Passado aos Vinte e dois dias de Janeiro de mil e novecentos e dezanove na cidade de Lourenço Marques, séde da Ordem.

Raul Leite Alprencer (?)
Manuel Dias Neves

Sebastião Paiva de Carvalho
Adriano de Carvalho
Jorge Augusto S. Trigueiro
Luís da Fonseca
Rui Medina Vasconcelos
José Simões Silva
Alberto Galhardo Ramires
Gil Medina Vasconcelos

Outras notícias

vem da página dois

outras, que canaliza a natural inquietude da idade e da inquietação por um caminho de pensamento profundo — «O Gaíto» tem-me feito pensar: «Leio-o e medito-o» — cujos estímulos ela «espera com ansiedade todas as quinzenas».

Continue a pensar, «estudante do Porto» e não tema a inquietação. Deus lhe acrescente muitas companheiras e companheiros.

Por nós agradecemos-lhe as boas notícias, outras notícias que nos proporciona. E agradecemos a Deus a parte que, sem o merecermos, nelas nos dá. Havemos de falar-lhe em si e nas outras... e nos outros. No fundo da ladeira em que o mundo vai deixando cair a Juventude entediada, há-de haver um momento de paragem, em que o charco reflectirá Deus. E «Deus é a alegria da Juventude»!



Visado pela
Comissão de Censura